

Caso Zuñiga: o risco de legitimar o Estado de Exceção

Jorge Luiz Souto Maior

Que fique muito claro: o Neymar é a vítima. E não cabe, de modo nenhum, tentar achar um argumento para repetir a estratégia constantemente utilizada de culpabilização da vítima, como se deu, recentemente, na pesquisa envolvendo estupro e o modo de se vestir de algumas mulheres. É evidente a dor física e moral do Neymar e não se pode querer diminuir seu sofrimento.

Analisando as imagens, é até mesmo possível acreditar que o jogador da Colômbia tenha tido a intenção de cometer uma falta mais dura. E ainda que não se possa afirmar, com toda segurança, que sua pretensão fosse tirar o Neymar da Copa, provocando-lhe uma grave lesão, também não é possível negar que tenha assumido o risco de fazê-lo.

Dito isso, o passo seguinte, e necessário, é o de impedir que a irracionalidade

rechaçar

Mas, daí ao linchamento público de Zuñiga vai uma distância colossal, que deve ser veementemente rechaçada, para que a irracionalidade não tome o comando das ações, como já se tem verificado em nossa realidade com as histórias de alguns linchamentos físicos e mesmo daqueles que se provocam via internet.

Mais ainda, é essencial que o sentimento de se fazer justiça não seja dominado pelo espírito de vingança e acabe servindo para se estabelecer uma comprometedora aliança com as formas supressivas do Estado Democrático de Direito, legitimando-as.

Ora, se no caso do Suárez ficou nítida a ausência do respeito pela FIFA aos preceitos jurídicos mínimos para a realização de um julgamento, que se fez, também, fora de qualquer parâmetro, passando-se por cima até das soberanias nacionais, não se pode, agora que a situação envolve uma das principais estrelas do futebol, invocar o autoritarismo da FIFA em favor da satisfação do desejo de fazer justiça, até porque a análise sentimental pode deturpar a percepção dos fatos.

Não se está falando de impunidade, mas de avaliações com responsabilidade e de preservação das bases do Estado Democrático de Direito, até porque os fatos não ocorrem isoladamente e não se corrigem os erros apenas considerando um dos aspectos da realidade.

No contexto mais amplo, não se pode esquecer a fala do Felipão, um dia antes do jogo, no sentido de que estava cansado de ser bonzinho e que o Brasil passaria a jogar com a sua característica, ou seja, fazendo um jogo duro (leal, mas duro). Há que se lembrar também a orientação passada pela FIFA aos árbitros para que se evitassem cartões amarelos afim de não desfalcas as equipes na próxima fase e com isso prejudicar os negócios do futebol. A consequência foi um jogo violento, de parte à parte, sem que houvesse a necessária interferência do árbitro, o qual, aliás, errou sucessivas vezes, invertendo faltas para os dois lados, gerando uma irritação geral nos jogadores. O Fernandinho, por exemplo, pelo acúmulo de faltas, deveria até ter sido expulso, o que deveria ter ocorrido, igualmente, com o próprio Zuñgia, pela falta cometida no Hulk.

Por certo, nada disso justifica o cometimento de uma violência, mas não se pode esquecer do contexto, que, ademais, pôs em risco a integridade de todos os jogadores.

A questão que desejo pontuar de todo modo nem é essa e sim o fato de que

A situação de irritação geral era perceptível

É essencial que

Até porque pode ser que o sentimento interfira na análise

.....

.....

.....

O totalitarismo da FIFA

, mais, ainda, das instituições.

PT – as ruas...

Mais ainda

torna abala

Zuniga agiu como um ser humano... calor do jogo...